

JOÃO CARLOS BRITO

EM PORTUGUÊS NOS [DES] ENTENDEMOS

**AS MELHORES EXPRESSÕES
REGIONAIS DA LÍNGUA PORTUGUESA**

ÍNDICE



| | |
|-------------------------|------------|
| INTRODUÇÃO | 7 |
| MINHO | 11 |
| TRÁS-OS-MONTES | 29 |
| PORTO | 43 |
| BEIRAS | 61 |
| RIBATEJO | 79 |
| LISBOA | 97 |
| ALENTEJO | 115 |
| ALGARVE | 131 |
| MADEIRA | 145 |
| AÇORES | 161 |
| AGRADECIMENTOS | 175 |
| BIBLIOGRAFIA | 177 |
| ÍNDICE REMISSIVO | 181 |

INTRODUÇÃO

Apesar de Portugal ser um país relativamente pequeno no que a território diz respeito, tem uma língua rica e diversificada, historicamente construída e consolidada, que é, sem dúvida, um dos maiores traços da identidade nacional. Este livro contém uma pequena prova desse enorme património imaterial.

Falamos todos a mesma língua, mas nem sempre conseguimos entender-nos, uma vez que há determinadas palavras e expressões que são mais propriedade de alguns grupos de falantes do que de outros. Tudo acontece neste pequeno retângulo à beira-mar plantado, e não nos referimos apenas à língua mirandesa ou a falares criados localmente, como é o caso do minderico (de Minde, Alcanena), do loriguês (de Loriga, Seia), do molelense (Molelos, Tondela) ou do falar de Riba de Mouro (Monção), para citar alguns dos linguajares que o nosso povo foi inventando ao longo dos séculos.

Mais do que o sotaque (acento ou pronúncia, conforme quisermos chamar), que é um fenómeno interessante e extraordinariamente belo, encanta-me o conjunto de palavras e recursos linguísticos que os portugueses de uma dada área geográfica conhecem e usam com frequência, palavras e recursos esses que são desconhecidos

de grupos de áreas geográficas diferentes (que, por sua vez, têm um conjunto próprio de palavras que utilizam no quotidiano).

A estes conjuntos de palavras e expressões de um grupo alargado de falantes, concentrados num espaço geográfico específico, sobretudo num registo informal e quase sempre aludindo ao segundo sentido da palavra, chamamos regionalismos, provincialismos, calão, gíria...

Os exemplos reunidos neste livro estão agrupados segundo a antiga divisão administrativa das províncias (acrescentando as zonas metropolitanas de Lisboa e Porto, separadas das respetivas antigas províncias). É evidente que seriam admissíveis outras possibilidades, todas elas, como esta, seguramente com fragilidades. Tal acontece porque a língua é um fenómeno vivo e sempre em mutação. Com exceção dos territórios insulares, não há fronteiras, barreiras ou muralhas a separar de forma estanque, por exemplo, um falar minhoto de um transmontano. As palavras não são propriedade exclusiva de ninguém. Por esse motivo, é provável que, ao ler determinada entrada classificada, aqui, como propriedade do minhoto, alguém de Trás-os-Montes afirme que também a usa, podendo acontecer o mesmo com alguém das Beiras ou do Grande Porto – ou até de outros territórios mais longínquos.

As pessoas sempre se moveram, sempre comunicaram, sempre influenciaram e sofreram influências. Mesmo assim, parece claro que há prevalências e grupos socialmente mais influenciadores. O fenómeno geológico que nos pode ajudar a compreender esta complexa questão da “paternidade” lexical é o sismo. Há sempre um epicentro e, à medida que nos vamos afastando, as ondas vão ficando mais suaves, atenuando o efeito do abalo. As palavras também são um pouco assim. Terão, seguramente, o seu centro de criação e de propagação (o que é extremamente complicado de definir, na maioria dos casos) e, depois, com o afastamento

geográfico, se não houver fenómenos localizados em contrário, o seu uso vai-se esbatendo.

O que está em causa são espaços mais ou menos alargados que, por razões históricas, culturais, comerciais, sociais e geográficas, sofreram influências distintas, e isso também se refletiu no vocabulário dos respetivos habitantes. Dito de forma mais clara: os fatores que marcam os falantes portugueses com influência no léxico que utilizam são os obstáculos naturais (rios, montanhas, etc.), a proximidade de outras culturas fortes, entre as quais a espanhola, as transações comerciais com outros povos nas zonas portuárias e noutras rotas comerciais, as rotas tradicionais de diáspora, as acessibilidades que, de forma mais ou menos intensa, ao longo dos séculos, mais convergiram com as diversas regiões, além das especificidades locais e, claro, das migrações históricas que tiveram consequências diretas na língua portuguesa.

Em português nos (des)entendemos contém 10 capítulos, organizados de norte a sul de Portugal continental, seguindo-se os arquipélagos da Madeira e dos Açores. Cada capítulo apresenta palavras e expressões por ordem alfabética, selecionados tendo em conta diversos critérios, como a frequência de uso pelos respetivos falantes, o carácter identitário ou as histórias que têm para contar no campo da etimologia e da etnografia.

Espero com este livro contribuir para que todos saibamos entender-nos melhor e, com algum humor e pertinência, ajudar a revelar a incomensurável riqueza desta diversidade linguística que nós, portugueses, temos a felicidade de possuir!

João Carlos Brito